

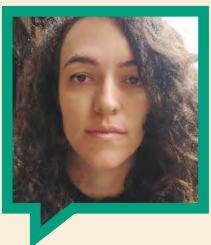
Maria Renilda Santana da Costa

Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade

Laiane Costa dos Santos

Jovem Liderança

Reserva Extrativista Chico Mendes



Kailane da Silva Souza

Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade

Karla Sessin-Dilascio

Instituto Fronteiras



MULHERES EXTRATIVISTAS E SUAS TRAJETÓRIAS NOS TERRITÓRIOS DAS RESERVAS EXTRATIVISTAS

DOI: doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v9i26.1648

Este conjunto de relatos de experiência (Mussi et al., 2021) reúne narrativas de lideranças femininas de duas Reservas Extrativistas: Resex Riozinho da Liberdade (abrangendo os municípios acreanos de Tarauacá, Marechal Thaumaturgo, Porto Walter e Cruzeiro do Sul-AC) e Resex Chico Mendes (abrangendo os municípios acreanos de Assis Brasil, Brasiléia, Capixaba, Epitaciolândia, Rio Branco, Sena Madureira, Xapuri).

Entre jovens e mulheres mais experientes, os relatos apresentam diversas perspectivas de uma mesma situação social: moradoras de Reservas Extrativistas, e de áreas subjacentes, e sua relação com o território, suas práticas culturais, desafios e atividades econômicas. A marca cultural dos processos econômicos é clara, por todas perpassam a experiência da extração de produtos não-madeireiros, como a produção da borracha e da Castanha do Brasil.

As falas revelam práticas de subsistência e formas de organização comunitária baseadas na coletividade e na luta por direitos, com destaque para o protagonismo das mulheres na valorização cultural e na defesa dos territórios. Também expõe desafios como o acesso limitado à educação, à infraestrutura e às políticas públicas. Nesse contexto, destaca-se a situação da juventude, marcada por dilemas entre permanecer ou sair e pelo risco de perda

de identidade cultural, apontando a necessidade de fortalecer o pertencimento e a continuidade das práticas extrativistas como forma de resistência.

O primeiro relato de Maria Renilda Santana da Costa, conhecida como Dona Branca, apresenta sua experiência como mulher extrativista da Resex Riozinho da Liberdade. Além de liderança reconhecida regional e nacionalmente, Branca é presidente da Associação Feminina Força da Mulher Rural (MulherFlor), criou a marca de produtos extrativistas da sociobiodiversidade “Mãos da Floresta”, foi presidente em dois mandatos da associação concessionária da Resex do Riozinho da Liberdade, a Associação da Resex do Riozinho da Liberdade (ASAREAL), conselheira no Conselho Deliberativo da Resex Riozinho da Liberdade e membro-titular da Câmara Temática de Mulheres, do SISA/AC.

O segundo relato de Laiane Costa dos Santos, relata a experiência de uma jovem que cresceu nas franjas da Resex Chico Mendes, engajada na luta pela terra e o direito dos assentados, Laiane é liderança jovem proeminente da região do Purus. Coordenadora da regional do Acre do Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS), Laiane conduz o programa Territórios da Floresta que assegura o direito à terra para populações extrativistas que moram em áreas de florestas públicas não desti-

nadas. Além de liderança do CNS, Laiane exerce papel de facilitadora do Coletivo Varadouro que se propõe mobilizar e atrair a juventude extrativista a conhecer sua ancestralidade de luta pelos territórios já reconhecidos, mobilizando-os a partir da carta de Chico Mendes intitulada “Jovens do Futuro”, para caminhos florestais.

Kailane da Silva Souza é liderança jovem do Comitê Chico Mendes, atua como ativista para causas extrativistas, de proteção da floresta e justiça social. Compõe o Coletivo Varadouro e está à frente de ações de mobilização de jovens extrativistas para a construção de um futuro mais justo e sustentável.

DA SERINGA À LIDERANÇA: VIVÊNCIA E LUTA FEMININA NA FLORESTA

*Por Maria Renilda Santana da Costa
(Dona Branca)*

Sou Maria Renilda Santana da Costa, conhecida por Branca. Sou moradora da Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade, na comunidade Morro da Pedra. Tenho 52 anos e, desde que nasci, resido nessa referida comunidade. Ainda pretendo viver aqui por muitos anos. Pretendo viver aqui porque temos tranquilidade. Temos terra para plantar, temos rio para pescar, temos onde criar nossas galinhas. Temos muitos produtos nativos na nossa floresta, de onde tiramos a nossa sustentabilidade. A nossa vivência na reserva é tranquila, calma. Não pretendo sair.

Por sermos extrativistas, filhas de seringueiros, e pensando nas futuras gerações que vem, nossos netos, filhos e bisnetos, buscando o bem-estar para todos eles, queremos resgatar a cultura dos nossos antepassados, mas também transformar os produtos nativos em renda familiar, para valorizar a nossa floresta, de forma que possamos tirar dela a nossa sustentabilidade e também nossa renda. Organizamos e criamos a organização feminina para que pudéssemos lutar pelos direitos das famílias, pelo empoderamento feminino e para resgatar a nossa cultura, como o saber das benzedadeiras, das parteiras, as plantas medicinais utilizadas, e outros saberes.

Hoje, a produção da reserva é principalmente a farinha. Isso ocorre porque é onde temos

mais mercado. Queremos também transformar os produtos extrativistas que temos na nossa reserva em fontes de renda, dos produtos nativos da nossa floresta.

A vivência da mulher aqui no território, em uma área de conservação, começa cedo. Eu, por exemplo, desde os 12 anos cortava seringa, ajudava meu pai a trabalhar no roçado e ajudava a procurar alimentação para os meus irmãos. Os meus irmãos são, em sua maioria, mulheres, e minha mãe teve apenas um filho homem. Com isso, passamos a assumir os papéis da casa. Pescávamos, caçávamos, cortávamos seringa e trabalhávamos no roçado. Fui crescendo na companhia do meu pai, trabalhando dessa forma e ajudando como podia.

Comecei a estudar já depois de casada, com filhos. Me alfabetizei no Alfa Cem, depois estudei na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e, em seguida, fui professora do Alfa Cem. Não cheguei a concluir o ensino médio, por falta de oportunidades. Existia escola, mas eu não tinha condições de chegar até ela, pois precisava cuidar dos filhos e garantir que eles estudassem.

Continuei trabalhando na roça, como podia, mantendo as pescas e buscando alimento para os meus filhos. Passei também a representar a comunidade. Foi quando comecei, depois de compreender melhor, a participar da associação, representando a comunidade como um todo, levantando a mão e defendendo os nossos direitos.

A vivência da mulher no nosso território é lutar, defender e cuidar da nossa floresta.

DA LUTA AO ESQUECIMENTO: JUVENTUDE E IDENTIDADE NA FLORESTA

Por Laiane Costa dos Santos

A Resex Chico Mendes é organizada por seringais e colocações¹ (Sousa, 2023), como o Seringal Pinda, colocação São Pedro, seguindo

1 - “Nos seringais, as colocações eram as suas unidades produtivas e podiam estar localizadas nos centros, no interior da floresta, ou nas margens do rio. Vários(as) antropólogos(as) (Almeida 1992, 2012; Pantoja 2001; Martini 2005, 2019; Costa 2010; Rezende 2016, 2017) pontuaram que numa colocação moravam em média três grupos domésticos ligados por parentesco do tipo consanguíneo, por afinidade e/ou compadrio (simbólico).” (Sousa, 2023).

a mesma organização da época dos seringalistas. Esses espaços são organizados em núcleos de base. Cada seringal tem um ou dois núcleos, dependendo do seu tamanho. Esses núcleos respondem à associação de moradores, que é a associação daquele município, podendo ser de um município ou de uma reserva. Como a Resex Chico Mendes, que passa por sete municípios, cada município com uma associação de moradores responsável pela gestão da reserva naquele território.

A juventude, em si, não participa muito dos processos dos núcleos de base e associações atualmente. Antes, a juventude participava bastante na época das tomadas e dos embates, mas hoje, como essa história não foi transmitida, essa luta não foi passada de geração para geração. Não foi contada.

Um dos maiores gargalos atualmente é a perda de identidade. O Coletivo Varadouro, junto com o Comitê Chico Mendes e alguns sindicatos, atua justamente para resgatar essa ancestralidade que a juventude está perdendo e para mostrar que a cultura da floresta, do seringal, também precisa ser valorizada. Muitos jovens não têm conhecimento do porquê aquele território existe, o que aconteceu para ele existir, quem foram os grandes nomes responsáveis por essa conquista. Hoje, a vivência do jovem no território está muito em risco, porque muitos estão saindo em busca de outras oportunidades na cidade ou estão sendo aliciados pelos fazendeiros, pela ideia do agronegócio.

Poucos jovens têm a cultura extrativista, do seringal, não porque não quiseram, mas porque os antepassados não transmitiram para as próximas gerações. Esse é um dos grandes problemas que estamos enfrentando: a perda de identidade e de cultura.

Nem todo jovem sabe como era a casa do seringal, quais eram as alimentações, os tipos de música e de dança. Muito disso se perdeu. O que ainda permanece é a cultura do extrativismo, a prática de extrair o látex e colher a castanha. Poucos fazem uso de outros tipos de extrativismo para venda ². A maior parte

do que se extrai, além da borracha e da castanha, destina-se ao consumo próprio, como o cipó, usado para fazer vassouras ou paneiros. Mas mesmo esses saberes vêm se perdendo, afinal, hoje é possível comprar esses produtos na cidade.

VIVÊNCIA TRADICIONAL E ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA NAS RESERVAS EXTRATIVISTAS

Por Kailane da Silva Souza

A vivência tradicional no território envolve o modo de vida e as culturas da comunidade. O trabalho é voltado ao extrativismo, principalmente do látex e da castanha, além dos roçados, onde são feitas as plantações de arroz, feijão, milho, mandioca, banana e vários outros alimentos que garantem a sobrevivência das famílias que vivem nas Reservas Extrativistas.

A união faz a força, desde a organização das comunidades até a realização das tarefas do dia a dia, que muitas vezes são feitas por mutirões ou trocas de dias de trabalho, prática em que uns ajudam os outros para que o trabalho aconteça mais rápido e de forma menos cansativa. A organização dos núcleos de base e as parcerias com a cooperativa do município, o sindicato e a prefeitura também são muito importantes para a reivindicação de direitos e políticas públicas dentro do território.

Referências

Mussi, R., Flores, F., & Almeida, C. (2021). Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional*, 17(48), 1–18.

Sousa, T. (2023). *Da seringa à farinhada: produção e modo de vida na Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade, Vale do Juruá – Acre* [Dissertação]. Universidade Federal do Pará.

sociobiodiversidade mais proeminentes na região da RESEX Chico Mendes. No entanto, há a possibilidade de desenvolver outras cadeias da sociobiodiversidade que ainda não são exploradas, como óleos (copaíba, andiroba, buriti), vinhos (açai, buriti, patoá), entre outros ainda não explorados comercialmente.

² - Neste caso a autora enfatiza a produção de borracha e castanha do Brasil como as cadeias produtivas da